



**WANDERLÉA:** aos 59 anos, a cantora mantém a alegria da juventude

**ERASMO CARLOS:** aos 63 anos, não perde a pose de Tremendão

# É preciso saber viver

Quarenta anos depois da Jovem Guarda, Wanderléa e Erasmo Carlos comemoram a data em shows no Rio, ao lado dos parceiros Golden Boys e The Fevers, e refletem sobre a vida

CLEUSA MARIA

**A**o lado do cantor Roberto Carlos, eles protagonizaram o momento inaugural do pop rock brasileiro. Ao ritmo do iê-iê-iê, juntaram vozes, instrumentos eletrificados e figurinos ousados ao coro da juventude que, em todo mundo, clamava pela ruptura de padrões de comportamento e por liberdade pessoal. Quarenta anos depois da Jovem Guarda, nem tão românticos nem tão rebeldes, os são-eranos Wanderléa Salim (completa 60 anos em 5 de junho) e Erasmo Carlos (64, no mesmo dia) sobem ao palco para comemorar a data no show *Jovem Guarda - 40 anos de Rock Brasil*. A turnê popular reúne ainda os companheiros de JG, Golden Boys e The Fevers. Até o dia 30, eles terão se apresentado em quatro unidades do Sesc - hoje às 21h estarão na Quadra Esportiva de Madureira e, amanhã, na de São João de Meriti.

Durante os ensaios, num estúdio em Botafogo, a entusiasmada Wanderléa e o espirituoso Erasmo Carlos falam de suas vidas, após quatro décadas de estrada. Fundando Minister, que já saiu do mercado nacional, o cantor e compositor carioca conta que comprou uma máquina Olivetti, pois pretende escrever um livro de contos. E a mineira radicada em São Paulo, Wanderléa, se empolga falando das filhas Yasmin e Jade e do livro de poesias que vai lançar em breve. Ao fim da entrevista, a conclusão é clara: sob o brilho dos holofotes ou entre as paredes de casa, é preciso saber viver.

- Quarenta anos depois, que avaliação você faz da Jovem Guarda? O que ela representou para sua juventude e para a de sua geração? Wanderléa - Foi um momento que proporcionou a mim como protagonista e àquelas seguidoras uma transformação definitiva pessoal, social, psicológica. Ao

mesmo tempo em que a gente transformava uma geração, estávamos fazendo a revolução dentro de nossas casas. Também nós vivíamos uma ditadura familiar. Pessoalmente, era uma conquista de liberdade, de independência. Mas naqueles anos, não imaginávamos que estivessemos trazendo essa mudança para toda uma geração. Eu tinha consciência de que estava transformando minha vida e a de minha família, pois quem faz um sucesso daquele modo muda a situação familiar. Mas nada era muito fácil.

Erasmo - Musicalmente foi o bê-á-bê de tudo o que está aí. E foi também o início do que chamam liberdade. Antes o jovem não tinha

música para ouvir, ouvia a dos pais, vestia as roupas dos pais, se comportava como os pais. Tudo era proibido, tudo era pecado. Eu fazia parte da geração que queria mudar tudo isso. A Jovem Guarda foi o apelido que a imprensa deu a um movimento, no pós-guerra, que acontecia no mundo inteiro, de grande mudança nos costumes e na música. Tabus começaram a ser quebrados, a JG foi muito importante para a liberação sexual. Pouco tempo depois, as mulheres queimaram os sutiãs. Na Jovem Guarda elas se livraram das anáguas e combinações (espécie de *corsetaria* que as mulheres usavam sob vestidos).

- O escritor Pedro Nava, no fim de

suas vidas, disse que a experiência era um carro com os faróis para trás. A luz do presente, você mudaria alguma coisa no passado? W - Não estou de acordo com ele. Acho que a gente vive para ser melhor. Independentemente do involuntário ficar frágil, a gente tem a obrigação de ser melhor. A experiência traz sabedoria, você percebe um pouco mais o que você é. A gente custa muito a descobrir do que realmente gosta. O tempo ensina a ser mais tolerante, mais tranquilo, mais generoso, já não se olha tanto para o próprio umbigo, você tem uma visão panorâmica da existência. Vivemos com tanta ilusão. A experiência nos leva mais perto da verdade. A gente

nasce lindo e belo. Viver mesmo velho deve ser com alegria e não com amargura. É preciso guardar um pouco da pureza da alegria, que é um bem de Deus. Agora, isso é muito banal, não cai do céu. É nossa lição diária.

E - Não concordo com o Pedro Nava, além do lar ligado para trás, o carro está muito bem iluminado pelo presente e alguém está com a lanterna voltada para o futuro. Para mim, experiência é viver o presente e preparar o futuro com as coisas que aprendi. Vou construir meu presente e meu futuro com o que aprendi no passado.

- Ao longo dessas quatro décadas você chegou onde queria? O que foi mais importante nessa trajetória ou o que ainda está faltando? W - Tudo o que aquele momento tinha para me dar me deu em abundância e de sobra, com essa fidelidade do público ao referencial em que nós da Jovem Guarda nos tornamos. Somos os remanescentes de uma época que não volta mais. A JG foi um movimento novo, porque foi verdadeiro. O sucesso naquele tempo era espontâneo. Os DJs tocavam o que gostavam para escalar nos rádios. Hoje tocam o que tem de ser tocado.

E - Eu acho que não cheguei aonde queria chegar, porque não sei onde é. Eu simplesmente vivo. Não traço metas, não programa minha vida. Mesmo nas fases adversas - e eu tive - deixo que as coisas se resolvam, se encaminhem e surjam outras novas. Sou bem tranquilo, convivo muito bem comigo. Não me lembro muito de como eu era, do que pensava quando jovem. Acho que tinha a inconsciência e o ímpeto da juventude. Hoje tenho mais percepção e acho que o bom humor é fundamental para se levar a vida. A letra de *E preciso saber viver* [parceria com Roberto Carlos] não é mentira para mim. Mas cada caso é um caso. No mes, nos momentos bons ou ruins, sempre encaro a vida como ela é.

## Rótulo sem proposta estética definida

TÁRIK DE SOUZA

O rock entrou no país de contrabando, como fenômeno de mercado. Suas primeiras gravações foram de gente fora do ramo, como a cantora de fofa pré-sofá Nora Ney (*Rock around the clock*, em inglês, hit de Bill Haley e seus Cometas) e Cauby Peixoto, que entabulou, em 1957, um *Rock and roll* de Copacabana, manufaturado pelo hitmaker Miguel Gustavo, o Michael Gustav; também fornecedor do sambista Kid Morenaguera. Os irmãos Campello, Cely e Toni, em São Paulo, e Sérgio Murilo, no Rio, foram os primeiros a encarnar a idolatria de um pop rock ainda povoado por maricantas e banhos de lua. Mas foi no programa *Jovem Guarda*, gerado na TV Record paulista, em 1965, para tapar o buraco na programação por conta da proibição das transmissões de futebol nas tardes de domingo, que o poprock suburbano e errático ganhou palco fixo. E passou a arrebanhar milhões.

Cria do ex-juventude trans-

viada Carlos Imperial, da turma da Miguel Lemos (que quebrou o finado Cine Rian quando passou o filme *As balanças das horas*, onde rolava o *Rock around the clock*), seu contrerrâneo capixaba Roberto Carlos tentou a bossa imitando João Gilberto. Mas só ganhou identidade na associação com o futuro eterno parceiro Erasmo Esteves, o terceiro Carlos na dinastia dos ídolos dos brotinhos (o primeiro foi Francisco Carlos, o *El Bruto*, da Rádio Nacional, ainda nos 50).

Com o convite recusado pela recatada Cely Campello, a mineira Wanderléa quebrou a imagem de Clube do Bolinha do programa, a bordo de estonteantes minissaias completando o trio principal. Em torno dele gravitavam tanto no JG quanto em programas rivais, de Wanderléa Cardoso e Jerry Adriani a Renato e Blue Caps, Leno e Lillian, Os Vips, Deno e Dino, Ronnie Von, Golden Boys, Trio Esperança, Rosemary, Eduardo Araújo, Os Incriveis, Sérgio Reis, Ronnie Cord e inúmeros mais.

Filho bastardo do rock'n'roll americano com a fase "yeah, yeah, yeah" (*She loves you*) dos Beatles mais uma boa talagada do pop italiano (Rita Favone, Peggipino di Capri, Sergio Endrigo, Fino Donnagio), uma leve esdrúxula do nosso samba-canção (Tito Madi, Doris Monteiro) e do bolero aclimatado (Anísio Silva, Orlando Dias, Altamar Dutra, Silvino), a JG virou rótulo sem proposta estética definida. Tanto que sua vertente mais *suave*, de Getúlio Corbex, o irmão de Gerson King Combo (*Negro gato*), a Tim Maia (*Não vou ficar*), só foi tomar forma a partir da explosão deste último, em 1970, quando o programa já tinha acabado e a turma estava dispersa.

Mas ficaram os "bons sementes para o Brock". Desde o mítico Raul Seixas (forjado na produção de Jerry Adriani), onde o baiano aprendeu a compor para o povo) até uns tais Tizãs do Iê Iê. E também a base do popbrenga, que assola o país por parte do sentimentalismo exagerado e da melodia banal.